

JORNAL DO CONSERVATORIO.

N.º 8.) *Publica-se todos os Domingos.* (Jan. 26, 1840.)

JORNAL DO CONSERVATORIO.

Dissemos em o N.º anterior que iríamos dando successivamente os Pareceres das Commissões do Conservatorio ácerca dos Dramas a elle submettidos; porque os julgavamos de grande interesse polos motivos em que basêam concisamente o louvor ou a censura. = Coube o primeiro logar ao Parecer sobre o Drama = O EMPAREDADO = por ser tambem o primeiro que mereceu ser admittido ás provas publicas, por indulgente resolução do Conservatorio, e apezar do muito grande rigor do Parecer. Não presenciámos a Sessão do Jury Litterario, a que o Drama foi presente, e sabemos agora que ali se deram razões de grande pezo a favor do EMPAREDADO, sendo tambem fortemente impugnadas muitas das censuras exaradas no mencionado Parecer.

Depois do longo, poetico, e arrojado discurso do Sr. A. Herculano, foi approvedo apezar dos seus muitos defeitos; parecendo merecer mui particular attenção ter este Drama sido o primeiro que se subjeitára ao tremendo exame d'aquella litteraria Assembléa.

Hoje publicámos o Parecer sobre = OS DOIS RENEGADOS, = Drama, que depois de uma scientifica discussão ácerca do capital anachronismo, que nelle se notava, foi immediatamente e unanimemente admittido ás provas publicas com a clausula de ser revisto e correcto no estylo. = De muita honra foi para o Jury simillante decisão; poisque = OS DOIS RENEGADOS = têm sido applaudidos vivamente, ainda depois de numerosas representações.

PARECER.

A Commissão a quem foi presente o Drama Original portuguez = OS DOIS RENEGA-

DOS, = depois de o ter examinado quanto lhe permittiu a estreiteza do tempo, não se atreve a dar uma sentença segura e absoluta. Considerando-o nas tres relações mais importantes, a saber: *Litteraria, Dramatica, e Historica*, pareceu-lhe merecer tres qualificações diversas.

Como *Escrito*, ha na sua linguagem, por entre muitas graças e riquezas, não poucos descuidos e galicismos.

Como *Drama*, grande invenção, e ás vezes sobeja, como na scena d'ElRei D. Manoel que, ainda que cheia de noticias e interesse portuguez, é superflua e estranha, e portanto fria: — sábia disposição, successão e progresso; — caracteres magníficos e constantes; — estylo, por via de regra, conveniente e energico, ainda que aqui ou acolá retinto em poesia, e o dialogo frequentemente sobejo e derramado; — affectos naturaes; — paixões vivas e verdadeiras, e effeitos scenicos muito acertadamente calculados; — clara exposição, bellos feixos de actos, e desenlace geral ainda mais bello. — Moral, Religião e Politica, partes essenciaes, e tão amiude desprezadas e insultadas no Theatro moderno, apparecem aqui puras, e taes como se devem offerecer diante do povo reunido.

Historicamente, ha na idéa fundamental um grave anachronismo, dando-se por existente em dias de ElRei D. Manoel o Tribunal da Inquisição, tal como se introduziu no Reinado seguinte.

Parece portanto á Commissão, que se o Jury julgar remissivel este ultimo defeito (o de que ella se não persuade), ou o Auctor por qualquer via o poder emendar, o Drama = OS DOIS RENEGADOS = deve ser admittido ás provas publicas, depois de corregida e purificada a linguagem. A Commissão como zelosa da gloria de um genio patrio, que tão grandes annuncios dá de si, e de concorrer por sua parte para a restauração, já tão bem estreada, da Litteratura Dramatica portugueza, rematando o seu trabalho não pôde deixar de exprimir o ardente desejo que tem de que o Auctor, no rever a sua Peça, se dê com particu-

lar desvelo a decotar todas as sobejidões de dialogo, de que a profusão do seu talento, e por ventura a sua muita mocidade a sobrecarregou.

Lisboa, e em conferencia no Conservatorio Dramatico, em 13 de Abril de 1839. = Dr. Augusto Frederico de Castilho. = Sebastião Xavier Botelho. = Joaquim Larcher.

—*—

Extracto

da

CONFERENCIA

do

CONSERVATORIO,

DE 22 DE JANEIRO DE 1840.

Na volta do meio dia, abriu o Sr. Presidente a Sessão, e lida a acta da antecedente foi aprovada.

O Sr. V. Presidente deu parte de que a Deputação encarregada de offerecer a Sua Magestade ElRei Dom Fernando a Presidencia honoraria do Conservatorio, satisfizera ao que lhe fôra incumbido, e recebêra de SS. MM. o mais benigno e distincto acolhimento.

Seguidamente declarou S. Ex.^a que o objecto especial da convocação da presente Sessão, era a nomeação da Commissão de cinco membros, que, na conformidade dos Estatutos, deve apresentar o seu parecer definitivamente acerca de todas as peças dramaticas admittidas ás provas publicas, a fim de designar quaes de entre ellas julga merecerem que sejam premiadas.

Por esta occasião, e para esclarecimento de alguns socios que pela primeira vez compareciam, o Sr. V. Presidente observou que, em conformidade das resoluções adoptadas pelo Conservatorio, nenhuma peça dramatica se reputava premiada senão depois que a Commissão, que devia eleger-se, havido conhecimento das razões que motivaram a sua admissão ás provas publicas — e do juizo que o publico fizera da mesma peça accitando-a, e applaudindo-a, ou desapprovando-a, e repellindo-a, a houvesse por digna de premio, e com este parecer se conformasse o Conservatorio. — Acrescentou que a mente do Conservatorio, concedendo ao author de um Drama parte do premio, logo que a sua obra era admittida ás provas publicas, não fôra, nem podia ser senão sómente auxiliar com mais esse estimulo os cultores de um ramo de litteratura que, apezar de tão importante, jazia entre nós ao desamparo. — Terminou declarando que se ia proceder á leitura dos nomes dos membros do Conservatorio pre-

sentes em Lisboa, a fim de facilitar a escolha dos membros da Commissão indicada.

Concluida a leitura, e verificando-se acharem-se presentes vinte e cinco membros do Conservatorio, corrido o escrutinio, ficaram eleitos os Srs. *Garrett*, *Herculano*, *Francisco de Paula Cardoso*, *D. Gastão Fausto da Camara*, e *Sousa Loureiro*.

Propôz o Sr. V. Presidente, que lhe parecia conveniente que os dous membros immediatos em votos ficassem desde logo considerados supplentes, para no impedimento de algum dos eleitos, não soffrerem interrupção os trabalhos da Commissão. — Assim foi resolvido, e consequentemente nomeados os Srs. *Antonio Castilho*, e *D. José de Lacerda*. —

O Sr. *Castilho* pediu ser aliviado daquelle encargo, mas o Conservatorio não annuiu.

O Sr. *Castilho* (Antonio) pediu ser informado — se a Commissão havia de considerar os Dramas taes quaes se achavam, e como haviam sido expostos ás provas publicas; ou se porventura se consentia que seus authors os melhorassem? — Depois de breve discussão, resolveu-se, quasi por unanimidade de votos, que os Dramas deviam ser julgados no estado em que se achavam, e em que haviam sido admittidos ás provas publicas. —

Ultimada esta eleição, o Sr. V. Presidente fez constar ao Conservatorio, que estavam sobre a meza os papéis relativos á adjudicação da empreza do theatro de S. João da Cidade do Porto. S. Ex.^a narrou qual havia sido o processamento deste negocio, e leu uma Portaria do Governo de S. Magestade, na qual se ordenava ao Conservatorio que emittisse uma opinião definitiva sobre a preferencia, e entre as duas propostas *Lombardi* e *Carradori*, a qual não havia sido feita as-ás explicitamente pelo Conservatorio na anterior conferencia geral. — S. Ex.^a depois de uma breve e clara exposição do estado do negocio, convidou os membros do Conservatorio a entrarem na discussão.

O Sr. *Lacerda* abriu o debate, historian-do resumidamente o que se passara em todo este negocio, de que, na qualidade de presidente da Commissão que delle tomára conhecimento, estava bem inteirado. — S. S.^a declarou que a Commissão não só examinára maduramente todos os documentos, e mais papéis concernentes a este negocio, mas tambem que ouvira vocalmente os proponentes; e que o resultado dos seus trabalhos fôra preferir a proposta *Carradori*, por isso que offerencia manifestamente mais ventagens do que a proposta *Lombardi*. — Acrescentou que, sendo este parecer sujeito a uma nova Commissão, e sendo elle orador alli chamado para dar todos os esclarecimentos necessários, a nova Com-

missão concordára inteiramente com o parecer da primeira; porém que tendo aquella ouvido novamente os proponentes, e declarando então o proponente *Lombardi*, que se sujeitava a todas as condições offerecidas pelo proponente *Carradori*, a Comissão, sem quebra da sua inteira adhesão ao parecer da primeira Comissão, intendêra comtudo que se devia fazer cargo da nova declaração de *Lombardi*, para que o Conservatorio a tomasse na conta que lhe julgasse devida. — O mesmo Sr. concluiu que, em vista do exposto, a sua opinião era que se devia preferir a proposta *Carradori*, porque era a *primeira*, que offerecêra melhores termos para o contracto (*apoiados*), termos a que o proponente *Lombardi* só viera obrigado da necessidade, e fóra de tempo.

O Sr. *José Estevão Coelho de Magalhães* pediu ao Sr. V. Presidente algumas explicações ácerca da época marcada para o concurso, e da em que foram feitas, ou addicionadas, as propostas de cada uma das duas Sociedades *Lombardi* e *Carradori*. — O Sr. V. Presidente satisfz a S. S.^a, que se declarou instruido.

O Sr. *Perini* fez algumas observações sobre a inexactidão de um requerimento apresentado ultimamente pelo proponente *Lombardi* ao Governo de Sua Magestade, e mandado informar ao Sr. V. Presidente do Conservatorio; e se pronunciou pela adopção da proposta *Carradori*.

O Sr. *Vicente Ferrer Neto Paiva*, desenvolvendo a observação feita pelo Sr. *José Estevão*, mostrou em breves palavras que a justiça mandava que a preferencia, em igualdade de condições offerecidas, fosse dada ao proponente que tinha a seu favor, a prioridade de tempo, e por conseguinte á proposta *Carradori*, feita dentro do tempo legal.

O Sr. *Manoel Joaquim dos Santos* declarou que receiava que da preferencia dada á Sociedade *Carradori* viesse algum prejuizo ao publico e aos artistas do theatro do Porto, porque pertencendo o edificio do theatro á Sociedade *Lombardi* até Abril, e sendo sua igualmente a guarda-roupa, ficariam os Portuenses privados de espectáculo até então, e bem assim privados de vencimentos os artistas.

O Sr. *José Estevão* exigiu explicações a este respeito, ao que satisfz cabalmente o Sr. V. Presidente, mostrando o extratagemata de que se serviam alguns individuos que pretendiam estabelecer o monopolio dos theatros, collocando o Conservatorio na necessidade de lhes conceder a empreza d'elles, bom ou máu grado seu. — O Sr. V. Presidente foi por vezes apoiado, ratificando diversos membros do Conservatorio a exactidão das observações de S. Ex.^a

O Sr. *Lacerda*, falando no mesmo sentido, e declarando que a Comissão não escapára a verdade e importancia das observações feitas, como se via do seu officio, ponderou, e fez ver que as considerações do Sr. *Santos* de nenhum modo procediam.

O Sr. *José Estevão*, reflectindo mui judiciosamente que os emprezarios dos theatros desejavam subtraír-se á tutela salutar, que o Conservatorio, para utilidade publica, de direito exercia sobre elles, e sobre os differentes espectaculos, lembrou ao Sr. V. Presidente, que cumpria repellir taes tentativas, e que, se para isso porventura se carecia de medidas legislativas, rogava a S. Ex.^a que as sollicitasse com energia, pois que da sua parte estava disposto a prestar-lhe, como Deputado da Nação, toda a coadjuvação, certo de que o parlamento não as recusaria.

Finalmente o Sr. V. Presidente, depois de novas explicações, propôz, a pedido do Sr. *Vasco Pinto Balsemão*, se a materia estava sufficientemente discutida; e se resolveu que sim. — Propôz em seguida — se a votação havia de ser por escrutínio secreto, ou se por assentados e levantados? decidiu-se que deste ultimo modo. — Propôz por derradeiro — se o Conservatorio adjudicava a empreza do theatro de S. João do Porto para o anno de 1840 á *primeira* proposta cabal (*Carradori*), ou se á *segunda* (*Lombardi*)? — e por unanimidade de votos se decidiu que á *primeira*, isto é á proposta *Carradori*. —

O Sr. *José A. Corrêa Leal*, retirou-se antes da votação. —

O Sr. V. Presidente levantou a Sessão e ram quasi quatro horas da tarde.

FERREIRA.

Houve um tempo em que Portugal todo viçoso de juventude, todo animado de cavalheirosos brios, todo laureado de triumphos, todo opulento de conquistas, avultava entre as nações do mundo, como se eleva a palmeira pyramidal em Souto de Sycomoros, ou como alteroso galião se empavesa no meio das barcas dos pescadores.

E o viço da juventude lhe transbordava em arrojadas empresas e o levava a expandir-se per esse vasto mundo, até devar-se as ultimas barreiras, e os brios de mancebo e cavalleiro só de renome e gloria lhe davam sede. — Então lhe abraçaram a frente os laureis da victoria; as nações do mundo lhe abriram os seus thesouros, abastando as poeas e tributos dos vencidos e subjugados a comprar imperios inteiros. — Então Portugal sobranceiro e altivo, erguia a frente como a Palmeira das Indias, e

se ostentava alteroso como os galiões suberbos do Tejo. — Era tambem, per consequencia, esse o tempo dos CAMÕES, dos SA'S, e dos FERREIRAS!

Homero da Luzitania, — Camões peleejou pela Patria e a cantou com voz que ainda hoje echôa e se ha de ouvir per toda a parte em quanto houver ouvidos; Camões escreveu o drama da sua terra, drama que não requer actores, e que a si proprio se representa; Camões esculpiu na eternidade o nome portuguez a par de — GLORIA — Camões amou do coração . . . e foi desgraçado!

SA' DE MIRANDA conceituoso como Seneca, simples e attico no seu viver como no seu estylo, discriminou o idioma da sua Patria de entre o cahos em que jazia polo trato com as gentes extranhas, e porque então os Portuguezes mais curavam de afiar as armas do que de limar as phrases, mais valia tinha para elles uma lança do que uma bibliotheca. Modelado pelos grandes mestres da antiguidade seguitr á risca os seus preceitos, dissiminando assim pela sua terra exemptos onde os indoutos podessem apprender. Grave em sentenças emulou Juvenal na critica, dando de mão ao amargôr da satyrá: ora se banhava em melancholia discantando os males d'amor, ora se infeitava de graça urbana e louçãa, quando, rival de Aristophanes, reproduzia na comedia os costumes e sociaes abusos da sua época. — Dictames de san moral e philosophia como de habil e experimentada politica, expressos em um falar puro, correcto, e conciso; certa aspereza nas fórmas; uma poesia natural, e desalinhada; e eis-aqui o que nos mostram as producções do célebre Sá de Miranda.

Mas não é nem do immortal Camões, nem de Sá de Miranda que hoje nos propozemos falar; coévos do grande Ferreira, a quem dedicamos algumas linhas da nossa humilde prosa, como poderiamos remontar á época em que este floreceu sem prestarmos homenagem ás illustrações, que de tanto relevo nella foram, e cuja fama o tempo alonga de dia em dia?

Antonio Ferreira, o regenerador do drama, de-de os seus mais verdes annos foi celebrado por seus talentos poeticos e por suas producções, em que a lingua portugueza se amotrava em toda a pureza do seu esplendor, servindo condignamente a exprimir em seu diverso rythmo o vario sentir do coração, já rendido de amores, já pungido de saudade, ou nas contracções do furor, e nó arfar do despeito. Nessa idade de ouro nasceu Ferreira, e seus dias por ella se devolveram em uma paz de vida, em um positivo de acontecimentos, bem diverso do viver aventureoso e extraordinario que na maior parte dos poetas tanto se confôrma com o insolito dos pensamentos, com esse aereo di-

vagar de uma imaginação de vité. Não encontrareis episodios dramaticos na historia de Antonio Ferreira, um ferrenho estudo, um decidido fervor pola litteratura da sua patria, alguns amores, o seu Mondego, a pratica dos poetas contemporaneos, e ahí tendes a vida deste portuguez illustre, por ventura mais conhecido e apreciado dos estrangeiros, que dos seus compatriotas! — Abri todas as historias da litteratura europea, e lá encontrareis uma pagina tributada ao grande tragico, ao affamado auctor da CASTRO!

Muito antes porém que os fastos das letras portuguezas se houvessem enriquecido com essa admiravel producção, já outras de assás merecimento o haviam antecedido. — As duas comedias intituladas BRISTO e O CIOSO, com quanto não isentas de imperfeições e defeitos, não desmerecem muito das melhores que a Italia produziu nessa época de renascimento litterario. Parece que Ferreira se deveria ter dado com summo gosto á leitura das comedias de Angelo Policiano, Ariosto, e Manzoni, pois que nas duas que inventou apparecem quasi todas as virtudes e desvios das comedias italianas d'aquelles auctores. Por todo o correr dessas suas duas producções nota-se um descuido tão natural e infantil como os usos do seu tempo; todavia o que nellas ha mais apreciavel, é o bem sustentado do dialogo, e o comico dos incidentes onde deparareis particularidades bem curiosas e cheias de sal sobre os antigos usos do paiz: tambem não será raro encontrar-lhes treixos que interessem polo desafogo da critica e talento d'observação, muito de apreciar em tempos de tão apertada circunspecção. — BRISTO é uma comedia mixta, como lhe chama seu proprio auctor, consistindo em uma aventura de amores, enredada per secundarias personagens, segundo o estylo do tempo. Esta comedia é precedida de um prologo (conforme o uso das comedias italianas d'essa época) especie de allocução cortez dirigida ao público per um dos actores. O CIOSO é uma comedia typica, como bem o inculca seu titulo, e como tal não inferior por ventura á primeira. A comedia de BRISTO offerecida pelo auctor ao Principe D. João, casado com uma filha do Imperador Carlos V., tem a seu favor um grande documento, qual é o voto de toda a Universidade de Coimbra, que a approvou, e julgou digna de ser offertada a tão alta personagem.

Ditos agudos, galanteria nas falas, e o decoro com seus diversos caracteres, não o livram com tudo de ser por nós taxado como descomedido alguma vez em suas expressões. Não é porém esta uma sentença de que não possa appellar-se, pois que algumas palavras e modo de dizer que ora nos sóam mal aos ouvidos, e se não compadecem com a susceptibilidade da

nossa civilisação, quem sabe se eram ou não interpretados com a malicia que hoje lhes damos? Quem sabe si a innocencia dessa idade lhes não cobria melhor a nudez do que hoje o faz a tunica civilisada nesta época da sciencia do bem e do mal? Devemos com tudo lembrarmos que o merecimento de uma producção dramatica nunca se póde julgar absolutamente, mas em relação á época em que foi escripta. Exposições prolixas, pouca distincção nas partes constitutivas da peça, falta de connexão nas scenas, são defeitos communs á maior parte dos auctores seus contemporaneos.

Mas para que é falar mais das comedias de Antonio Ferreira, quando nos está chamando a sua obra-prima, a sua grande tragedia A CASTRO? — Quem sabe ter sido Ariosto auctor de comedias; quem o conhece que não seja pelo seu poema de ORLANDO FURIOSO? — Que importam ao mundo as comedias de Ferreira, quando só nelle vêem todos o auctor da segunda tragedia regular que teve a Europa moderna, e tragedia que é typo de bellezas, modello surgido na segunda infancia da arte, e que mereceria ser collocado a par dos antigos exemplares de Eschylo, Sophocles, e Euripides?

A escolha do assumpto de per si só seria bastante para conceituar Ferreira na opinião dos illustrados. — A bella Ignez, esbelta como a garça, meiga e suave como a pomba, mãe carinhosa, amante apaixonada, entregue á heidionda raiva de barbaros ministros, e cegada em flôr pelo cutéllo de algozes; . . . D. Pedro, sublime, extremo, cheio de ternura, e depois furioso, barbaro, cruel; . . . Affonso, ora monarcha justiceiro e senhor descaravel, ora pae indulgente e sensivel; e no fundo do quadro as figuras sinistras dos conselheiros de morte: — uma vida de amores e de receios, por fim um horrendo assassinio, e tudo acompanhado com o murmurio das agoas do mondego, debaixo de Sol puro, e entre as canções alegres ou sentidas de innocentes donzellas! . . .

Sevéra em suas fórmãs, é a CASTRO uma pura emanação da tragedia grega, avançando-se-lhe em um certo espirito cavalheiresco todo proprio da idade media e que se não dá nas producções hellenicãs. Uma tristura suavissima, um amar só de portuguezes, um exprimir o amor só de quem possui toda a riqueza deste suave idioma do meio dia, e de quem sabe involver o proprio coração de sentimentos apaixonados. — Uma lagrima a cortar um sorriso; um suspiro a interromper o canto, e depois o pathetico e as paixões!

Vêde quanto a exposição dessa tragedia vos revela de desgraças, e como é triste a alegria de Dona Ignez, quando, cheia de candura e

innocente folguedo, convida as donzellas a colher flôres, a tecer capellas, e a exultarem com festivo canto pola dita que ella ora possui! E logo dirigindo-se á Ama, lhe diz:

„ O' ama, amanheceu-me um alvo dia,
„ Dia do meu descanso

A Tão delicada exposição corresponde toda a tragedia; unidade de acção, vigor de pincel, valentia no dialogo, verdade e paixão nos affectos; e sobre tudo isto, uma simplicidade tanto á Sophocles, que inspira um sancto respeito, e concorre ainda mais para mover-vos.

Analysar minuciosamente esta tragedia excederia os limites de uma pequena folha, além de que foi de FERREIRA e não exclusivamente de qualquer das duas producções que nos propozemos falar; não terminaremos todavia sem accrescentar mais algumas palavras acerca d'este nobre assumpto.

A morte de D. Ignez de Castro tem sido objecto de tantos escriptos, que seria tarefa para um laborioso bibliographo dar uma succinta exposição de todos elles. Poemas, romances, dramas, tragedias, chácara, todas as fórmãs litterarias e poeticas se têm esgotado acerca desta romantica e funesta catastrophe.

A chronica de Fernão Lopes, auctor contemporaneo, é a que mais circumstanciadamente refere o fatal caso. — Duarte Nunes de Leão Faria e Sousa, e outros muitos historiadores delle se occuparam, accordes todos no seu contar. — O grande Luiz de Camões lhe consagrou as suas mais bellas estancias, e em nossos tempos deu assumpto a uma bella tragedia de João Baptista Gomes, e á celebre cantata de Bocage intitulada IGNEZ DE CASTRO; sendo tambem suavemente commemorado no poema CAMÕES de um nosso litterato assás conhecido.

Parece que houve um poema á morte de D. Ignez do mesmo tempo da sua morte, mas de todo se perdeu: O que ainda existe é uma linda chácara hespanhola intitulada LA GARZA DE PORTUGAL, como então chamavam á formosa Castro.

É bem conhecida a tragedia de *La Motte* sobre este assumpto (em mal! tão desfigurado pelo auctor francez): — tambem não o é menos a tragedia lyrica em Italiano, á pouca representada no Theatro de S. Carlos; e o romance de *M.me de Genlis* com esse titulo.

A tragedia do nosso Antonio Ferreira não é irreprehensivel, só pelas suas muitas qualidades se lhe pódem relevar os defeitos que encerra, especialmente no que toca á metrificacão, que sendo em muitas partes cheia de melodia e doçura, é tão mesclada de asperezas que faz perder á tragedia uma parte do effeito. — Fugiu Ferreira a dependencia da rima, e foi

o primeiro portuguez que poetou em verso solto, facil lhe era pois, dado o primeiro e mais difficil passo, aproveitar as ventagens que d'ahi podia tirar; parece todavia que não pôz ahi o seu maior cuidado, pois que a sua excellente tragedia abunda em versos frouxos, ou duros.

Por derradeiro. — Ferreira mereceu por suas poesias soltas a denominação de HORACIO PORTUGUEZ; e todos os portuguezes lhe devem gratidão, e respeito por o quanto exalçou os seus compatriotas na escalla da litteratura europea, e por ser o pae da nossa scena tragica.

ANTONIO FERREIRA nasceu em Lisboa no anno de 1523 de Martim Ferreira, Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago, e Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra, e de Meicia Frões Varella. — Prefez altos empregos e privou muito na corte da qual fazia as delicias: foi Doutor em Direito Civil, Desembargador da Casa da supplicação, e Fidalgo da Casa Real. — No auge da sua reputação veio colhel-o a morte no anno de 1569. — Diogo Bernardes, Pedro d'Andrade Caminha, e outros Vates de renome, choraram em sentidissimas elegias essa grande perda, e ainda hoje, ninguem ha hi de coração portuguez que se negue a juntar mais uma flôr ás que lhe esmaltam o tumulo.

Pa zás suas cinzas.



THEATRO NORMAL

DA

Rua dos Condes.

Mariadão Barba-Roxa.

Ainda que, geralmente falando, não tenham os frequentadores do nosso theatro Normal dado um grande documento da sua critica e bom gosto, ou applaudindo pegas, que só negativas demonstrações deveriam acarear do publico, ou victoriando as mais das vezes aquellos trechos que menos era de esperar o fossem; todavia é justo confessar que ha certo tempo (pondo de parte palmas dadas ao bastardo BOM AMIGO), a opinião se tem um tanto rectificadô: o que talvez seja devido não só aos esforços d'alguns litteratos, mas tambem ás litterarias palestras, que vão começando a ter vóga em a nossa terra, substituindo outras sociedades de menos importancia, e maiores pretenções.

Do que acabámos de dizer, seria porventura boa prova a frieza com que foi recebido o

drama *Mariadão Barba-Roxa*. — Quando ha dois annos elle foi á scena na Rua dos Condes pela primeira vez, foram grandes os applausos que obteve, e era um nunca acabar de elogios que per ahi se ouviam ao celebrado drama! — E' verdade que o Sr. Dias, que então fazia de BARBA-ROXA, dava a vida a esta peça; mas ainda assim não é tamanha a differença na execução do drama, que elle só fizesse mudar o publico: — outra razão houve, e intendemos que foi o avaliar-lhe com mais criterio os defeitos.

São elles na verdade bastante salientes. O enredo é de pura imaginação; mas, além de serem pouco verdadeiros os caracteres das partes principaes, pois que nos apresenta um Pirata — terror da Christandade d'aquella época, como um modello de generosidade, tolerancia e humanidade; e um nobre hespanhol cheio dos mais baixos sentimentos, um perfido e traidor; os dois primeiros actos são bastante destituídos de interesse, e tão faltos de movimento, que enfadam, e as scenas graciosas não têm sal algum. — O terceiro acto, que faz effeito, e tem lances muito dramaticos, principalmente se funda no *qui-pro-qué* dos dois rivaes, o qual desappareceria logo que o innocente D. Ramiro não acreditasse na fingida amizade, e protestos do traidor; o que era muito mais natural é verosimil, depois do que dissera D. Leonor em a 17.^a scena do 2.^o acto: — *Ramiro tem um inimigo occulto; eu o conheço, é o cavalleiro Roberto!*

A traducção está tambem muito longe de merecer encomios; pois que os francezismos, gallicismos, e ditos grosseiros se lhe notam a êmo. Pedimos por esta occasião aos Srs. Censores que sejam mais escrupulosos no licenciamto das pegas traduzidas.

Em quanto á execução, o Sr. Victorino, em o papel de Barba-Roxa, é digno de louvor, porque procurou servir-se de todos os seus meios para o desempenhar como convinha. E' pena que este bom actor tenha uma voz tão dura e pouco flexivel, o que, tornando-a discordante, muito se faz sensivel nos papéis de força.

O Sr. Lisboa não o queriamos tão exaggerado, e fazendo tanta *macaquice*, que muita vez não vem ao caso. O Sr. Lisboa bem-merece do publico frequentador da Rua dos Condes; mas nem por isso elle deve, por meio de garatujas fóra de proposito, querer captar applausos que no conceito dos entendedores lhe fazem pouca honra. As opiniões do publico rectificam-se, e o artista fica com os defeitos que adquiriu.

O papel, que principalmente se fez sensivel por seu máu desempenho, foi o do Sr. Tasso. Este artista, a quem ainda falta a maior parte das qualidades requeridas em um come-

dante, mostrou uma falta de meios e desembaraço, que fazia compaixão. — Será melhor que se deixe de representar papéis principaes em quanto senão tiver mais amestrado nos secundarios. Que se não desanime porém com o que lhe está succedendo, porque não seria o primeiro a quem o mesmo tem acontecido; e que, com o estudo, observação, e trabalho, conseguisse entrar na primeira linha dos comediantes. — Não podemos a este respeito deixar de observar ao Sr. Director do Theatro Normal, que antes de pôr em scena uma peça, consulte a força dos artistas a quem ha de distribuir os papéis.

—*—

Chronica Theatral.

THEATRO NORMAL. = Continúa a ser applaudido o **CAMÕES DO ROCIO**: esta comédia em concorrência com o drama **HARIADÃO BARBA-ROXA**, que novamente foi chamado á scena, tem especialmente substituído os espectáculos da semana. Em a noite do passado domingo notou-se que o Sr. Epifanio, na ultima scena do 2.º acto do *Camões*, falando da janella ao *desconhecido*, se exaggerou descomedidamente, repetindo muito alto, e *com voz de máscara*: — "Até logo, até logo." Cumpre que os actores não cuidem só em fazer rir o povo, o que muitas vezes conseguem á custa dos caracteres que representam: — em todo o restante do seu papel váe o Sr. Epifanio muito bem.

THEATRO DE S. CARLOS. = Domingo 19 do corrente, **ROBERTO DO DIABO**. — Não foi esta, como se esperava, a ultima representação da grande opera, em consequencia de não ter podido ir á scena a nova peça do Sr. MIRO', que per todos é esperada com a maior impaciencia. E não sem razão se mostra o publico ansioso por novidades theatraes, pois que as operas do actual repertorio de *S. Carlos*, são todas já muito ouvidas, e além disso a *Esmeralda* não tem merecido as sympathias, ou por não serem todos os papéis bem distribuidos, ou porque essa opera não é fortemente instrumentada, o que os ouvidos estranham, acostumados como estavam ás harmonias estrepitosas e solemnes de Roberto. — Esta ultima tambem era tempo que descansasse, não só porque já é *cantarolada* per todo o fiel christão, mas porque nas ultimas vezes que se tem representado lhe mutilaram o 2.º acto, cerceiando-se-lhe o lindissimo quintetto bailado, e demais a mais o *pas de deux*. — Váe a desaparecer definitivamente da nossa vista esse brilhante planeta.

Segunda feira 20, em benefício da Sr.ª **CATTE**, — *Parisina, Portuguezes em Tangere*, e o duetto dos *Puritanos*, e o do 1.º acto de *Caritéa*. O Theatro esteve bem guarnecido de expectadores, e os camarotes quasi todos enfeitados de bellas damas. Os Srs. **CONTI** e **FERRETI** fizeram quanto nelles coube por sobressaírem um ao outro, e, como em certame, cantaram alternadamente a sua parte, e enviando todos os seus meios, e prodigando *fioriture*. Ao vel-os nessa lide harmonio-a vinham á lembrança os cantos dos pastores, de que tanto nos falam os poetas; e até sem recorrer-mos á poesia, nos passava pelo pensamento o *cantar ao desafio* dos nossos innocentes (e felizes!) camponios... — E o publico e os dous artistas ganharam com essa nobre emulação; o publico porque gosou mais, e os actores porque foram muito applaudidos e *chamados fóra*. O Senhor **FERRETI**, mostrou que se havia applicado com fruto á sua arte em quanto de nós esteve ausente; deve todavia modificar mais a voz nas passagens de execução para que se lhe não sinta aspereza. O Sr. **CONTI** com a sua voz argentina esympathica agrada geralmente, deve porém notar-se que a sua gesticulação é sempre a mesma, e que não cura muito de adaptal-a á *letra*. — Não esqueceremos falar da Sr.ª **CATTE**, cuja *mimica* é muito expressiva, especialmente nos papéis de força, e que nunca falta ao compasso ainda nos lances mais embaraçados; nesta Dança váe ella mui bem; contudo muito melhor ainda iria si se abstivesse de uma expressão physionomica tão excessiva, que por vezes lhe transtorna totalmente o rosto com grande mágoa dos expectadores. — Do Sr. **CASATI** só diremos, per agora, que o reputamos pela força pouco mais ou menos do Sr. Iorch, e não podemos deixar de reflectir que mais convinha actualmte ao nosso theatro um dançarino de differente eschola, pois que dous do mesmo genero equivalem, para o publico, a um só.

Qualidades e Deveres do Comediante.

(2.º ARTIGO.)

Em o n.º terceiro deste Jornal, considerando a importancia da arte difficil do Comediante fizemos a esse respeito algumas ponderosas observações, prometendo outras em successivos artigos. — Falámos da voz, do olhar, do ouvido, e rematámos reflexionando acerca da muito grande difficuldade da **IMITAÇÃO**; pois que até por extremo era custoso interpretar verdadeiramente essa palavra, essa arte de mentir com verdade!

E todavia o talento da imitação, por muito fiel que seja, não poderá supprir a falta de fina intelligencia. — Encontrareis por ventura homens sem espirito, a quem não obstante foi dado imitar a voz, e gestos daquelle, que tomaram por alvo de seu estudo. Mas no theatro essa faculdade é insufficiente, e talvez nociva ao artista. Porque, ou se limita á imitação de um actor, que o público não conhece, ou de um actor acreditado: — em ambos os casos não é mais que a imitação da imitação. O verdadeiro talento vê com seus proprios olhos; o genio busca na sua fonte a natureza.

Tambem não deverá o Comediante ter somente em consideração a apparencia exterior; deverá especialmente penetrar-se do character e costumes da pessoa, que representa; e conformar os ademanos, gestos, andar, e a inflexão de voz ao seu character historico, ou ao que é insinuado pelo auctor do drama.

O actor tanto mais se desenvolverá na sua arte quanto maior for a opinião que tiver formado da intelligencia do público, que tem de o escutar. Deverá pois evitar os gritos e transportes, que podem seduzir uma multidão ignorante, desprezando os applausos que elle mesmo recusaria se fosse convidado a julgar um companheiro.

Parece ás vezes o público reservado e avaro: mas elle está escutando; e si reconhecer na justeza de uma intonação a intelligencia do actor não tardará em applaudil-o.

Uma obra dramatica não contém sempre situações, e characteres perfeitamente decididos. O estylo por muito correcto e claro que seja, nem sempre denota pensamentos, a que se não possam dar interpretações diversas. Muita vez não se pôde colher precisamente da obra o grau do socego, ou paixão, em que se faz mister que o actor se conserve; mas a fórma, o assumpto, os costumes, a especie de dialogo, e phylionomia total do drama, devem insinuar a intenção do auctor. E' a este pensamento que o Comediante deve attingir.

E' pois a intelligencia a qualidade, que mais do actor se exige. Cumpre que, antes de falar, tenha comprehendido o que se ha de dizer, para que assim possa regular o modo, porque ha de exprimir-se. Mas não basta aventar o sentido do poeta, é mister juntar-lhe a forga, calor, e graça, que faltam ao desenho, declamando com toda a expressão, que a sensibilidade lhe inspirar.

EXPECTACULOS DA SEMANA CORRENTE.

THEATRO NORMAL.

Domingo 26 de Janeiro = *Hariadão Barba-Roxa* = *O Camões do Rocio*, =

Terça feira 23 = Em beneficio do Sr. Theodorico, a 1.^a representação de *Ruy Braz*, em 5 actos. = *Os Doudos*, em 1 acto.

THEATRO DE S. CARLOS.

Domingo 26 — pela ultima vez — **ROBERTO DO DIABO.**

Segunda feira 27 = A beneficio de ANTONIO GIULIANI, 1.^o mimico do dito theatro = O 1.^o acto de *Parisina* = Umás variações de viola franceza, executadas pelo Sr. VICENTE AYALA = *Aria do Belisario*, pelo Sr. CONTI. = *Aria do Atar*, pelo Sr. FERRETTI. = Outras variações de viola franceza = O Duetto da *Caritea*, pelos Srs. Conti & Ferretti, concluindo o expectaculo com a Dança = *Os Portuguezes em Tanger*.

Quarta feira 29 = Repete-se o mesmo expectaculo.

Sexta feira 31 = Irá á scena uma nova Opera, composta pelo Sr. Antonio Luiz Miró, que tem por titulo = VIRGINIA.

PROSPECTO

DA

CHRONICA LITTERARIA

DA

Nova Academia Dramatica.

○ INSTITUTO DRAMATICO da N. A. D. vai publicar um Periodico Litterario com este titulo; — no intuito de augmentar o esplendor da Associação, — promover o gosto das bellas letras, — derramar quanto em suas posses couber os conhecimentos Dramaticos, — e excitar por meio de juizos criticos, rigorosamente imparciaes, o brio, e a emulação nos differentes ramos de litteratura, e bellas artes.

A Chronica será semanal; — e publicar-se-ha o 1.^o N.^o por todo o mez de Fevereiro.

Recebe-se toda a correspondencia franca do porte sob o nome do Sr. Antonio José Marques Corrêa Caldeira, em Coimbra.

Subscreve-se para a Chronica, — em Coimbra perante os Membros da Direcção do INSTITUTO DRAMATICO, e nas Lojas de Livros da Imprensa da Universidade, e de Antonio Lourenço Coelho, em Lisboa na Loja de Livros da Viuva Henriques, Rua Augusta N.^o 1, — e no Porto em a de João Pereira Queiroz Bastos, Rua dos Caldeireiros N.^o 12. — Preço 480 réis por trimestre.

LISBOA 1840. NA TYPOGRAPHIA CARVALHENSE.
Rua dos Capellistas N.^o 62.